

## RESENHA

*Filipe Costa Fontes\**

DEYOUNG, K. **Super Ocupado**. São José dos Campos: Fiel, 2014, 144 p.

Escrito por Kevin DeYoung e publicado recentemente pela Editora Fiel, *Super Ocupado* é um livro que considera o seu público alvo. Ele é curto e está dividido em dez capítulos pequenos, cuja leitura não leva, em média, mais do que quinze minutos. Além disso, foi sido publicado paralelamente em papel e ebook. Ou seja, é um livro para quem está ocupado. E, considerando que possivelmente são tais pessoas que se interessarão por esta resenha, procuraremos seguir a obra em sua brevidade.

Depois de um capítulo introdutório, que procura justificar as razões para o livro mostrando a abrangência do problema da superocupação, o capítulo dois estabelece o pano de fundo da discussão, mostrando o risco de confusão entre ocupação e fidelidade. Seu objetivo é mostrar que estar “ocupado demais não significa que você seja um cristão fiel ou frutífero. Só quer dizer que você está ocupado, como todo mundo. E como todo mundo, a sua alegria, o seu coração, a sua alma estão em perigo” (p. 35). Este é certamente um alerta atual, já que a nossa época costuma atribuir valor às pessoas pelo critério da produtividade.

Os três capítulos seguintes procuram desvelar possíveis raízes religiosas do desequilíbrio de nossa agenda. O capítulo três sugere que o excesso de ocupações pode ser resultado do orgulho. Ele faz isto mostrando, por exemplo, como uma agenda lotada pode ser gerada pela dificuldade de dizer não às pessoas, o que tem sua origem no temor de contrariá-las e, finalmente, em nossa necessidade de reconhecimento. Ou então, como ela pode nascer da tendência de nos envolvermos com muitos projetos em virtude da crença de que somos indispensáveis para todos eles. Como se o sucesso de todos dependesse de nossa participação.

O capítulo quatro, por sua vez, sugere que a falta de compreensão do evangelho também pode ser causa de nossa ocupação exagerada. Sob o título “O terror da obrigação total”, ele procura mostrar como um entendimento legalista da vida cristã – que parte da ideia de que Deus nos aceita por algo que nós fazemos – pode conduzir cristãos sinceros a um estilo de vida ativista e ocupado. Este capítulo enfatiza a necessidade de recuperarmos a aplicação da doutrina da salvação pela graça e apresenta duas interessantes distinções úteis: entre oportunidade e obrigação, e entre dar importância e fazer. Em paralelo com estas distinções, o autor nos convida a considerarmos a nossa limitação de tempo, talentos e dons, e a confiarmos em Cristo Jesus. Isto significa não perder de vista “as boas novas de que o universo não é sustentado pelo *meu* poder (Hb 1.3). Isso é trabalho de Cristo e ninguém mais poderá fazê-lo” (p. 59).

O assunto do capítulo quatro é ampliado no capítulo cinco, que se propõe a estabelecer um paralelo entre a missão de Jesus e a nossa. A partir da narrativa de Marcos 1.35-39, que mostra que Jesus estabeleceu prioridades e posterioridades – “as coisas que não devemos fazer por amor de fazer as coisas que devemos fazer” (p. 72) – o argumento principal do capítulo é que é necessário imitar Jesus no estabelecimento destes dois elementos se quisermos servir às pessoas de forma eficiente. Considerando o

---

\* Graduado em teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, licenciado em filosofia pelo Centro Universitário Assunção, mestre em teologia filosófica pelo CPAJ e em educação, arte e história da cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor assistente de teologia filosófica no CPAJ.

caráter comunitário do projeto de Deus, Kevin DeYoung nos alerta, de modo perspicaz, para o fato de que além de estabelecer prioridades e posterioridades precisamos permitir e compreender que as outras pessoas façam o mesmo, conscientes de que não estaremos sempre contemplados entre as prioridades delas. Isto não deveria ser nada extraordinário, pois “a não ser que sejamos Deus, nenhum de nós merece ser prioridade de todo mundo o tempo todo” (p. 75). Como é um capítulo cujo assunto central é a missão de Cristo, ele tem muitas preciosidades. Dentre elas destaco a identificação que Jesus tem conosco no quesito ocupação. Este capítulo começa a delinear algo que ficará mais claro no nono capítulo: que nem toda ocupação é pecaminosa. A ocupação nociva é aquela que se revela de forma frenética, ansiosa, irritável, orgulhosa, invejosa, que acontece pela distração por coisas inferiores (cf. p. 63).

A partir do capítulo seis a obra lida com alguns elementos de nosso *Zeitgeist* (espírito de época) que podem contribuir para o comprometimento de nossa agenda. Estes capítulos mostram que, embora o autor considere que nossa dificuldade de pacificar nossa agenda tenha a ver, primariamente, com nosso relacionamento com Deus, a questão é demasiadamente complexa, envolvendo uma diversidade de elementos. No sexto capítulo o autor trata do que ele denomina “puerigarquia”; termo usado para definir o domínio que os filhos pequenos exercem sobre os pais. Kevin DeYoung está longe de negligenciar o papel dos pais na formação dos filhos, mas procura acusar a mentalidade determinista que sustenta haver uma relação absoluta entre todos os detalhes da criação que damos a nossos filhos e o que eles serão no futuro. Segundo ele, essa mentalidade também pode nos levar a um ativismo que redunde em cansaço, insatisfação e, finalmente, em prejuízo relacional. O objetivo do autor não é tornar-nos pais irresponsáveis, mas ensinar-nos a descansar no Senhor ao invés de criarmos filhos como se tudo dependesse de nós mesmos.

No capítulo sete a tecnologia é apresentada como potencial instrumento de complicação de nossa agenda. Nas palavras de Kevin DeYoung: “Nada faz com que você seja mais ocupado – o tempo todo, com qualquer pessoa, em qualquer lugar – que ter o mundo inteiro num pequeno retângulo preto em seu bolso” (p. 98). A sugestão do capítulo não é o extremo do abandono das inovações tecnológicas, mas: a) o cultivo de uma suspeita saudável da tecnologia; b) maior racionalidade e compreensão em nossas conexões com as pessoas; c) a utilização deliberada de tecnologia “antiga”, como o telefone, por exemplo; d) a imposição de limites acompanhada de esforço para protegê-los; e) a influência de nossa teologia cristã sobre os perigos da era digital. Neste último item, espaço importante é ocupado pela doutrina da encarnação, utilizada como argumento contrário à aceitação de “encontros virtuais como substitutos adequados para relacionamentos de carne e sangue” (p. 104).

O oitavo capítulo põe fim à tratativa sobre os elementos da vida contemporânea que contribuem para nosso asoberbamento, tratando da falta de ritmo da relação trabalho/descanso. A obra procura apresentar a importância do estabelecimento desse ritmo a partir do conceito bíblico de “sábado”.

Os capítulos nove e dez são capítulos conclusivos. O nono visa balancear a tratativa dos capítulos anteriores, mostrando que, até certo ponto, a ocupação é natural e desejável. Ele defende que nem toda ocupação é pecaminosa e prejudicial. A ocupação nociva é a ocupação da alma, aquela “que se esforça demais com as coisas erradas. É ocupar-se tentando agradar as pessoas, controlar os outros, tentando fazer as coisas para as quais não fomos chamados” (p. 120-121). Consequentemente, “o antídoto para a ocupação desenfreada da alma não é indolência ou indiferença” (p. 120). Este tipo de ocupação não se resolve através da rejeição de todo pedido difícil, ou de uma vida

centrada no lazer. “O antídoto é repouso, ritmo, morte do orgulho, aceitação de nossa própria finitude e confiança na providência de Deus” (p. 120).

A ação prática necessária para a apropriação deste antídoto é apresentada no capítulo dez. Com base no encontro de Jesus com as irmãs Maria e Marta (Lc 10.38-42), Kevin DeYoung apresenta o cultivo da vida devocional como único hábito a ser estabelecido como prioridade na busca pela melhor administração do tempo. A exclusividade deste hábito é defendida pela consideração de duas de suas características. A primeira é sua força. “Providenciar o tempo consistente para estarmos com a Palavra de Deus e a oração é o lugar para começar, por que estar com Jesus é a única coisa forte o bastante para nos arrancar de nossa ocupação” (p. 140). A segunda é seu caráter reproduzidor.

Se concentrarmos em um hábito específico, em vez de nas milhares de áreas que compõem nossas vidas cheias de ocupação, seremos mais aptos ao sucesso, não somente naquela única área como também em muitas outras. Por exemplo, pense no que aconteceria se você tornasse seu único alvo firme e resoluto o gastar tempo todos os dias com a Palavra de Deus e em oração. Provavelmente você resolveria que precisa ir para a cama mais cedo para ter tempo de manhã para a leitura e oração (ou para que você não caia no sono mais tarde durante o dia). E porque quer dormir mais cedo, você terá maior cuidado com o que come tarde da noite. E pensaria duas vezes antes de assistir um programa que não tinha a mínima intenção de ver ou remexer pela internet por trinta minutos por nada em especial. E, também, talvez você sentisse menos estresse, se precisasse sair deixando a casa um pouco desarrumada, se tivesse escolhido a melhor parte, e se sentado aos pés de Jesus. Quem sabe você também passasse a ignorar aqueles e-mails depois do horário do trabalho, ou simplesmente guardasse todas as telinhas. Quem sabe quantas distrações pequeninas você conseguiria deixar de lado em um esforço para ser mais como Maria do que como Marta? (p.137-138)

*Super Ocupado* não é um livro para quem procura um tratado de antropologia teológica, ou uma análise acadêmica do *Zeitgeist* contemporâneo. É um bom livro devocional, que conjuga boa percepção da vida atual com uma teologia consistente habilmente aplicada. Ele foi escrito por um pastor ocupado e, por consequência, trabalha, na maioria das vezes, com exemplos da lide pastoral diária. Contudo, porque apresenta o problema numa perspectiva centrada no evangelho, e também porque a função pastoral envolve uma multiplicidade de aspectos (relacionamento, docência, gestão) – o que permite que os exemplos sejam facilmente transpostos para as mais diferentes ocupações – o livro pode ser útil para todo cristão que esteja lidando com a superocupação.